

A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE FLUMINENSE AGITA O MEIO ACADÊMICO.
O PROJETO DO DEPUTADO VASCONCELOS TÔRRES. FALA SÔBRE O ASSUN-
TO O PROFESSOR ISMAEL DE LIMA COUTINHO, SECRETÁRIO DE EDUCA -
ÇÃO E CULTURA. ?

A idéia da criação da Universidade Fluminense agita, no momento, os estudantes e professores das nossas escolas. O Centro Acadêmico "Evaristo da Veiga", da Faculdade de Direito, assumiu a liderança do movimento. Está organizando um programa de conferências, em que se rá focalizado o projeto de Vasconcelos Tôrres ora em curso na Assembléia Legislativa. Promoverá, também, com o mesmo objetivo, entrevistas com os órgãos do Poder Público e com os Diretores das nossas Faculdades. Tocou hoje ao professor Ismael de Lima Coutinho, Secretário de Educação e Cultura, a vez de falar sôbre o palpitante assunto.

- Que me diz da criação de uma Universidade entre nós?

- Digo que é uma idéia excelente, merecedora dos aplausos de todos os fluminenses. O que é para lastimar, é que se não tenha pensado nisso, há mais tempo. Mas nunca é tarde para as grandes realizações.

- Julga, então, que há, em Niterói, ambiente para a criação de uma Universidade?

- Não só julgo, como ousou afirmar que o ambiente está preparado para a germinação de uma idéia feliz como essa, de que, em boa hora, vos fizestes paladinos. Outra atitude se não poderia esperar dos estudantes que integram o Centro Acadêmico "Evaristo da Veiga". Niterói possui várias escolas superiores, frequentadas por um avultado número de alunos, onde pontificam mestres que honrariam as cátedras de qualquer faculdade norte-americana ou européia. Resta agora uní-las, sob uma mesma orientação ou direção geral, afim de que se estabeleça um intercâmbio mais intenso entre elas, e se facilite a aproximação entre mestres e alunos, sem o que não será possível a existência de um clima propício à indagação científica e à realização dos altos ideais de cultura de nosso povo.

- Acredita ser azado o momento para ^asua criação?

- Estou convencido de que se não deve procrastinar mais.

Urge, pois, que se dêem os primeiros passos para a concretização desse ideal. Tal é o número de academias, existentes entre nós, que a capital do Estado, sem um comércio ativo ou indústria desenvolvida, que lhe imprimam feição característica à vida, se transformou, há muito, num centro verdadeiramente acadêmico. É verdade que ^{lhe} ~~nos~~ faltam ainda alguns

institutos superiores, para completar o quadro universitário. Mas êsses virão a seu tempo, sem que isso possa constituir um argumento forte contra o objetivo a que todos visamos.

- Conhece o projeto do deputado Vasconcelos Tôrres?

- Conheço-o. Acho-o excelente. Não se poderia encontrar melhor patrono para a causa. Vasconcelos Tôrres é d'esses moços de talento, que honram a geração a que pertencem, Orgulho-me de ter sido seu professor. Desde cedo, revelou êle alguma coisa singular, que o extremava do comum dos seus colegas. O que lhe falta em anos, sobra-lhe em inteligência e entusiasmo, para defender, com brilho, na Assembléia, o projeto. A causa, por conseguinte, está muito bem entregue.

- Com a existência da Universidade, pensa que serão satisfeitos os nossos ideais de cultura?

- Penso que a Universidade resolverá os nossos grandes problemas de ordem cultural. Instale-se, entre nós, êsse centro de pesquisas e indagações científicas, conhecido na Média Idade por "Studia generalia", e se possibilitará o aparecimento de jovens, como êsse Latêes, que acaba de atrair a atenção do mundo, com a descoberta do "meson". Ela trará ainda a vantagem de contribuir para o desaparecimento das barreiras, levantadas pelo espírito acadêmico de casta, permitindo um melhor conagraçamento e um maior intercâmbio de idéias entre os alunos das várias faculdades fluminenses. Facilitará também a expansão de uma cultura humanística contra os perigos de uma especialização, que dia a dia mais se acentua, nas preferências dos nossos jovens estudantes. Com isso, não quero dizer que a especialização seja um mal; ao contrário, na fase atual da civilização, ela se torna uma necessidade. Falo apenas dos seus perigos, quando lhe falta um conveniente lastro humanístico.

- Qual será a atitude da Secretaria de Educação e Cultura, em face da nossa atual campanha?

- A Secretaria de Educação e Cultura olha com tôda a simpatia a presente campanha, apalude-a sem reservas e, se até o presente momento ~~está~~ se tem preocupado, quase exclusivamente, com os assuntos de sua competência privativa, que é a difusão do ensino primário^o normal, está disposta, dora avante, a colaborar convosco, ativamente, para que o desejo dos estudantes fluminenses se converta, o mais cedo possível, numa esplêndida realidade.

Estávamos satisfeitos. Despedimo-nos de S.Excia., agradecendo a gentileza da entrevista que nos concedera, em que se evidenciam os propósitos do Secretário de Educação e Cultura de colaborar conosco, na campanha da criação da Universidade Fluminense.

sul, isto é, a Gália Cisalpina e Etrúria à Magna Grécia.

O desenvolvimento e expansão do latim está intimamente relacionado com a história política e social do povo romano. Por isso, disse, com razão, Meillet: "A história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua". (Esquisse, 5).

Após vicissitudes várias, o latim se impôs aos outros povos da Itália e se espalhou, com as conquistas, pelas ilhas adjacentes (Sicília, Sardenha, Córsega), pelo norte da África, Ibéria, Gálias, Bretanha, e mais tarde pela Récia e Dácia. Em muitas dessas regiões, não logrou sobreviver, ~~até nossos dias~~, como aconteceu na Bretanha e na África. Na maioria dos territórios conquistados, todavia, ele se manteve, como o atestam as línguas neo-latinas que hoje o representam.

Do contacto ^{que teve} com os demais dialetos itálicos, ~~dentro da Itália~~, e ^{dentro da Itália, *} com os outros idiomas, nos territórios anexados ao Império, não pequeno foi o número de vocábulos estranhos, que, depois do conveniente tratamento, se incorporaram definitivamente ao léxico latino e mereceram as honras da sanção literária. Com a contribuição valiosa de palavras oscas, úmbrias, sabinas, etruscas, ibéricas, gaulesas e africanas, grandemente se enriqueceu o vocabulário latino.

Dentre os empréstimos, é força reconhecer que o maior contingente foi de procedência grega. Antes mesmo de submeter-se ao jugo romano, já a Grécia influiu poderosamente sobre os costumes, a língua e a literatura de Roma. Pode-se dizer que a literatura latina nasce e se desenvolve sob o influxo e a imitação da literatura grega. Povo prático, dedicado ao trabalho, amante da ordem e da liberdade, concedia o romano pouco lugar, em suas atividades, às coisas da imaginação. Ao contrário justamente do grego, para quem a arte e a ciência constituíam as principais preocupações da vida. Não é, pois, de estranhar que aquele tomasse a este por mestre em tudo o que se referia às criações do espírito.

O documento mais antigo que existe do latim é a fíbula prenestina, assim chamada por ter sido descoberta em Preneste, a qual remonta ao ano de 600 a.C. É uma inscrição curta de quatro palavras apenas : Manios med

Manius Numasion. "Manius me fecit Numerio". Em segundo lugar em antiguidade, vem a inscrição encontrada em um marco de pedra no antigo forum romano (sec. V a. C.), em escrita buastrophedon. A parte superior desse marco está mutilada, o que torna o texto quase ininteligível. De data posterior ^(talvez, sec. IV) é certamente a inscrição Duenos, gravada em torno de um vaso de três recipientes, cuja interpretação permanece, em muitos pontos, incerta. Estes e outros são documentos lingüísticos de alto valor, que nos retratam a imagem do latim naquelas remotas épocas, mas de escasso ou nenhum valor literário.

A literatura propriamente dita só aparece em Roma no séc. III a.C. com Lívio Andronico, capturado na tomada de Tarento (272 a.C) e conduzido a Roma, onde fez representar a sua primeira peça dramática (240 a.C.). Seguem-se-lhe Naeuius (morto em 201 a.C.), Plauto (251 a 184 a. C.), Ennius (239 a 169 a.C.) , Catão o Antigo (234-149), etc.

Foram estes artistas e seus sucessores que trabalharam, com amor, o diamante tosco, que era o dialeto de Roma, até transformá-lo na língua enérgica e viva, imagem do próprio povo romano, que é o latim literário, veículo de uma das mais abundantes e variadas literaturas da Europa.

Operou-se essa transformação em um período relativamente curto, em consonância com a rapidez com que se desenrolaram os principais fatos da vida e história romana.

A verdade é que a língua literária, estilização da vulgar, já aparece fixada, de um modo quase definitivo, no I sec. a. C., em que florescem escritores nótaveis, como Cícero e César, e se manteve assim, graças à ação vigilante dos gramáticos, até o momento em que o Império, já abalado em seus fundamentos pelo cristianismo e pelas lutas intestinas, se desmoronou, por completo, ao embate truculento das hordas bárbaras.

O desaparecimento da aristocracia romana, onde se cultivava o bom latim, e o fechamento das escolas, onde, a par das ciências, se ensinava a língua literária, tiveram conseqüências imediatas, que se refletiram na incultura quase geral. Triunfa assim a língua do povo, ou seja o latim vulgar.

Não encontrando mais barreiras à sua ação, inteiramente livre em seus movimentos, o latim vulgar desenvolve as suas tendências há tanto tempo represadas, espraia-se, impondo-se mesmo ao uso das poucas pessoas cultas, que ainda teimavam em continuar a tradição da velha cultura clássica. Não fossem, na Idade Média, os conventos onde os monges se esforçavam por conservar os restos da boa latinidade, copiando e comentando os textos dos principais autores latinos, pouco subsistiria hoje da língua literária. Deve-se também pôr em relêvo o papel da Igreja na preservação do latim, que tomou como sua língua litúrgica, e das antigas universidades, onde os professores dele se utilizavam, adaptando-o às necessidades de ensino. Por muito, entretanto, que se esforçassem os clérigos da Igreja e os professores universitários nessa prática, não podiam fugir à influência do meio ambiente, onde se falavam línguas oriundas do latim vulgar, e assim não poucas alterações se introduziram, apesar de tudo, por seu intermédio, no próprio latim. É a esse latim, então língua viva, que se convencionou chamar baixo latim.

Pode-se dividir a história da língua latina em três fases: a) a pré-literária (sec. VII a III a.C.); a literária (sec. III a.C. a V d.C.); e a vulgar (do séc. V em diante).

Na primeira fase, é que se verificam os principais câmbios fonéticos e modificações gramaticais que vão extremando o latim dos outros dialetos itálicos; na segunda, ^{ele} se fixa quase definitivamente, apresentando a fisionomia literária, que conserva até a ruína do Império; na terceira, em que se desenvolve e domina a língua vulgar, afastando-se da culta e transformando-se nos vários romances.

É mister, contudo, frisar que o latim do vulgo existiu sempre. Era ele a verdadeira língua do povo romano. Enquanto não havia cultura, constituía-se ~~ele~~ o seu único veículo de transmissão de pensamentos. Mais tarde, quando a literatura e as ciências se desenvolveram, continuou ele ainda a ser falado, é verdade, mas então só entre a gente iletrada. Pode-se comparar o idioma vulgar latino com um rio cujo curso se mostra em seus inícios, à superfície da terra, depois se torna subterrâneo; mais tarde aflora novamente à superfície para não mais desaparecer.

Convém ressaltar que foi desse latim do povo ou vulgar, que se derivaram as línguas românicas ou néo-latinas, isto é, o português, o castelhano, o francês, o provençal, o italiano, o sardo, o reto-romano e o romeno.

A criação de uma universidade fluminense agita, no momento, os estudantes e professores das nossas escolas. O Centro Acadêmico "Evaristo da Veiga" da Faculdade de Direito assumiu a liderança do movimento. Está organizando um programa de conferências que ficarão a cargo de educadores para isso previamente convidados. Promoverá, também, com o mesmo objetivo, entrevistas com os órgãos do Poder Público e com os Diretores das nossas Faculdades. Procuramos hoje o professor Ismael de Lima Coutinho, Secretário de Educação e Cultura, que nos concedeu a seguinte entrevista, sobre o palpitante assunto.

- Que me diz da criação de uma Universidade entre nós?

- Digo que é uma idéia oportuníssima, merecedora dos aplausos de todos os fluminenses. O que é para lastimar é que se não tenha pensado nisso há mais tempo. Mas nunca é tarde para as grandes realizações.

- Julga, então, que há, em Niterói, ambiente para a criação de uma Universidade?

- Não só julgo, como ousa afirmar que o ambiente está preparado para a germinação de uma idéia feliz como essa, de que se fizeram paladinos os estudantes do Centro Acadêmico "Evaristo da Veiga". Niterói possui várias escolas superiores, frequentadas por um avultado número de alunos, onde pontificam mestres que honrariam as cátedras de qualquer faculdade norte-americana ou européia. Resta agora estabelecer um elo mais íntimo que lhes permita entrosar-se sob uma mesma orientação, ou direção geral, afim de que se estabeleça um intercâmbio mais estreito entre elas, e se facilite a aproximação entre mestre e alunos, sem o que não será possível a existência de um clima propício à investigação científica e à realização dos altos ideais de cultura de nosso povo.

- Crê, assim, necessária a sua criação, no momento?

- Vou mais longe, estou convencido de que essa necessidade é urgente. Tal é o número de academias existentes entre nós, que a nossa capital, sem um comércio intenso, sem uma indústria desenvolvida ou outras atividades que imprimam uma feição característica à sua vida, se transformou num centro verdadeiramente acadêmico. A única coisa que nos falta é uma escola de engenharia. Mas esta virá a seu tempo, sem que isso impeça a criação imediata do instituto que todos desejamos

- Qual será a atitude da Secretaria de Educação e Cultura, em face da nossa atual campanha?

- A Secretaria de Educação e Cultura não promete fazer isto ou aquilo, ela quer um lugar de destaque, ao lado dos vanguardeiros da idéia e, se até o presente momento, se tem preocupado mais com os assuntos de sua competência privativa, que é a difusão do ensino primário normal, está disposta, dora avante, a colaborar, por todos os meios e modos, para que o desejo dos estudantes fluminenses se converta numa esplêndida realidade.

- Conhece o projeto do deputado Vasconcelos Tôrres?

- Conheço. Acho-o excelente. Não se poderia encontrar melhor patrono para a causa. Vasconcelos Tôrres é desses moços de grande talento, que honram a geração a que pertencem. Orgulho-me de ter sido seu professor. Desde cedo, revelou êle alguma coisa de singular, que o estreitava do comum dos seus colegas. O que lhe falta em anos, sobra-lhe em inteligência e entusiasmo, para defender, com brilho, na Assembléia, o projeto. A causa, por conseguinte, está muito bem entregue.

- Com a existência da Universidade, pensa que serão satisfeitos os nossos ideais de cultura?

- Penso que a Universidade resolverá os nossos grandes problemas de ordem cultural. Instale-se, entre nós, êsse centro de pesquisas e indagações científicas, conhecido na média idade por "Studia generalia", e se possibilitará o aparecimento de jovens, como êsse Lattes, que acaba de atrair a atenção do mundo, com a descoberta do "meson". Ela trará ainda a vantagem de contribuir para o desaparecimento das barreiras, levantadas pelo espírito acadêmico de casta, permitindo um melhor conagraçamento e um maior intercâmbio de idéias entre os alunos das nossas faculdades. Facilitará também a expansão de uma cultura humanística contra os perigos de uma especialização, que dia a dia mais se acentua, nas preferências dos nossos jovens estudantes. Com isso, não quero dizer que a especialização seja um mal; ao contrário, na fase atual da nossa civilização, ela se torna uma necessidade. Falo apenas dos seus perigos, quando lhe falta um conveniente lastro humanístico.

Estávamos satisfeitos. Despedimo-nos de S.Excia., agradecendo a gentileza da entrevista que nos concedeu, em que se evidenciam os propósitos do Secretário de Educação e Cultura de colaborar francamente conosco, na campanha da criação da universidade fluminense.

-2-
antes, para se colocarem. Dest'arte, não há tempo suficiente para uma revisão de tôda a matéria ginásial exigida no exame de admissão.

- Em que disciplina encontram os candidatos mais dificuldades?

- Em matemática. Como educador, tenho notado que a nossa modidade é pouco amiga de raciocinar. É possível que isso decorra de uma falha do atual sistema de ensino, onde entra, em larga escala, desde os primeiros anos do curso, o trabalho da memória. E vale acentuar que, entre os estudantes, são principalmente as moças que encontram mais facilidade em decorar as lições. Como o curso normal é hoje mais procurado por estas, fica explicado, em parte, o seu insucesso nessa disciplina.

- Que me diz do sistema de provas?

- Apesar de tudo, é ainda o melhor, porque permite um julgamento objetivo. Quem organiza a prova, atribui a cada questão, previamente, certo valor, que pode variar de uma questão para outra, de acôrdo com a dificuldade maior ou menor que ela apresente. Resta ainda assinalar a facilidade e presteza na sua correção, o que permite um resultado quase imediato e o próprio controle pelo aluno. Ao sair da prova, êle sabe, mais ou menos, a nota que vai obter.

- Em suma, acha o professor que o exame da época pode beneficiar as alunas reprovadas?

- Sim e não. Sim, quando o insucesso decorre de uma causa transitória ou ocasional, como, por exemplo, a perda instantânea de memória, o fenômeno de inibição, ou o estado emocional em que elas se encontrem. Não. A experiência de lá época deverá ser-lhes certamente muito útil. Já não haverá mais para elas o pavor do desconhecido. A consciência de que as provas nada encerram de extraordinário dar-lhes-á mais segurança e calma para resolver as questões, o que poderá influir beneficiando nos resultados. Não, quando a causa procede da falta de conhecimento. Neste caso, com 2ª época em nada lhes aproveitará.

Estávamos satisfeitos. Havíamos conseguido o nosso objetivo. Era o que desejávamos. Outros afazeres reclamavam a atenção do Secretário de Educação, por isso nos despedimos, gratos a S. Excia. pela entrevista que nos concedeu.

- Qual a verba empregada pelo Governo do Estado no ensino?

- A verba destinada às despesas com o ensino em todos os seus graus: pré-primário, primário, secundário, industrial e normal é de R\$... 72.412.750,00. A Secretaria de Educação e Cultura é uma das que mais pesam no orçamento geral do Estado, com o seu quantitativo global de R\$... 82.175.454,00. Pela Constituição Estadual, 20% da receita da arrecadação de impostos devem ser consagrados à educação. É excusado dizer que o Estado do Rio dispõe atualmente, com o ensino, importância superior à exigida pela sua Carta Constitucional. Não admira que tal aconteça, porque, no dizer de Guizot "a instrução pública é uma dívida de justiça para com o povo."

- Quantas escolas existem no território fluminense?

- Há, no momento, em todo o Estado, nada menos que 126 grupos escolares, 924 escolas isoladas, 182 unidades subvencionadas, 43 escolas típicas rurais e 13 jardins de infância, o que perfaz o total de 1.288 estabelecimentos de ensino primário. O corpo docente distribui-se, no ensino, pré-primário e primário, do seguinte modo: 2.444 professores efetivos, 1.100 professores adjuntos extranumerários e 30 professores regimentais, elevando-se assim a sua cifra total a 3.574. A esse número devem-se acrescentar mais 570 professores, encarregados das classes de educação de adultos, mantidos pelo Governo da União. É verdade que, na regência de muitas dessas classes, são aproveitados, de preferência, docentes que fazem parte do quadro, de acordo com as normas fixadas pelo Ministério da Educação e Saúde.

- Houve este ano criação de escolas?

- Foram criadas, no presente exercício, até agora, 17 escolas nos seguintes municípios: Itaperuna, Campos, Miracema, Pádua, Cambuci, Bom Jardim, São João da Barra, São Gonçalo, Valença, Barra do Pirai, Resende, Itaboraí, etc.. Já inauguramos, este ano, 4 grupos escolares. Outros 3 estão funcionando, devendo ser inaugurados, dentro de poucos dias, em Nova Iguaçu e Resende. Até o fim de 1948, nada menos que 5 outros grupos escolares serão entregues pela Secretaria de Viação e Obras Públicas à Secretaria de Educação e Cultura. Acham-se eles localizados nas cidades de Parati, Itaperuna, Petrópolis, Sapucaia e Três Rios.

- Há prédios escolares em construção?

- Certo da grande verdade de que "a casa onde funcionar a escola há de ser feita expressamente para o serviço escolar", o atual Governo vem dedicando grande atenção ao problema da edificação de prédios escolares. Assim, além da construção dos grupos escolares, a que me referi, há que mencionar os prédios escolares que estão sendo construídos no Estado, com o auxílio federal. Dos 28 prédios que lhe tocaram, em 1946, 6 já se acham concluídos e quase todos em funcionamento. A construção desses prédios ficou a cargo dos prefeitos municipais. Dos 22 restantes, 19 estão com as suas obras em franco andamento, esperando-se, para dentro de poucos meses, a comunicação de seu acabamento. O Sr. Governador do Estado, grandemente interessado em que todos os prédios do plano de 1946 estejam concluídos antes do fim do ano, já determinou que a Secretaria de Viação e Obras Públicas fôsse em auxílio dos prefeitos, ministrando-lhes os quantitativos necessários ao complemento das obras. Graças a isso, aproximadamente \$ 500.000,00 foram distribuídos entre as várias Prefeituras, com esse objetivo. A construção de prédios para instalação das 80 escolas que tocaram ao Estado do Rio, no exercício de 1947, será feita diretamente pelo próprio Estado. Determinou o Sr. Governador ao Departamento de Engenharia que estudasse um plano para a edificação das referidas unidades, de maneira que se tivesse em vista não só a economia, mas também a durabilidade e as condições técnico-pedagógicas. Em obediência a essas determinações, apresentou o Dr. Areia Leão, digno diretor daquele órgão, um projeto de escolas pré-fabricadas, com material fornecido pela Usina de Volta Redonda, que reúne todos aquêles requisitos, o qual mereceu aprovação de S. Excia.. A montagem desses prédios se processa de modo rápido, em menos de um mês, com a vantagem de serem facilmente desmontados e transportados para outro sítio, quando, por acaso, rarear a população escolar local. Convém ressaltar que os prédios em apreço obedecem rigorosamente à planta aprovada pelo Ministério da Educação e Saúde. Em visita de cordialidade que fez o Dr. Murilo de ^{Braga} ~~Araújo~~, Diretor do INEP, ao Sr. Governador Cel. Edmundo de Macedo Soares e Silva, teve ocasião de examinar detidamente o projeto, não escondendo a sua boa impressão pelo que lhe foi dado observar.

- Qual a verba destinada êste ano para as construções escolares?

- Essas verbas não são consignadas no orçamento da Secretaria de Educação, mas no da Secretaria de Viação e Obras Públicas. Posso acrescentar que o quantitativo se eleva a mais de R\$ 13.000.000,00. Isso sem falar nas despesas com a conservação dos prédios escolares, de propriedade do Estado, as quais não são pequenas. A preocupação do atual Governo tem sido a de finalizar tôdas as obras encetadas em administrações anteriores. São poucas as que restam por ultimar. É desejo do Sr. Governador começar a execução de seu programa, ainda êste ano, com a construção de 3 grandes grupos escolares: o de Itaboraí, Araruama e Neves. Convenhamos que a andarem as coisas neste ritmo, dentro de pouco tempo estará o Estado do Rio ocupando um dos primeiros postos de vanguarda, na Federação Brasileira, em assunto de construções escolares.